

ISSN 000-0000

BOLETIM DE CONJUNTURA
**MERCADO
DE TRABALHO**

4º TRIMESTRE DE 2015

Governo do Estado da Bahia

Rui Costa

Secretaria do Planejamento – Seplan

João Leão

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais
da Bahia – SEI

Eliana Boaventura

Diretoria de Pesquisas – Dipeq

Armando Affonso de Castro Neto

Coordenação Editorial

Armando Affonso de Castro Neto

Luiz Fernando Araújo Lobo

Elaboração Técnica

Armando Affonso de Castro Neto

Ana Maria de Sales Guerreiro

Luana Gabriela da Silva Rodrigues

Luiz Chateaubriand Cavalcanti dos Santos

Luiz Fernando Araújo Lobo

Guillermo Javier Pedreira Etkin

Coordenação de Biblioteca e Documentação – Cobi
Normalização

Eliana Marta Gomes Silva Sousa

Coordenação de Disseminação de Informações –
Codin

Augusto Cezar Pereira Orrico

Editoria-geral

Elisabete Cristina Teixeira Barretto

Editoria de Arte e de Estilo

Ludmila Nagamatsu

Editoração

Marta Barreto

Revisão

Calixto Sabatini

Projeto Gráfico

Nando Cordeiro

Av. Luiz Viana Filho, 4º Av., 435, CAB.

Cep: 41.745-002. Salvador(BA)

Tel.: (71) 3115 4822 / 3115 4786 Fax.: (71) 3116 1781

www.sei.ba.gov.br

sei@sei.ba.gov.br

4º TRIMESTRE DE 2015 **1**

CENÁRIO ECONÔMICO **1**

EMPREGOS FORMAIS **2**

MERCADO DE TRABALHO NA RMS SEGUNDO PESQUISA
DE EMPREGO E DESEMPREGO **7**

PERSPECTIVAS PARA O MERCADO DE TRABALHO **9**

Expectativa dos empresários baianos para o emprego **9**

Projeção do emprego formal **11**

APÊNDICE **13**

NOTAS METODOLÓGICAS **18**

Pesquisa de confiança do empresariado baiano **18**

Projeções do mercado de trabalho formal **18**

4º TRIMESTRE DE 2015

Com o auxílio do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), da Pesquisa de Emprego e Desemprego da Região Metropolitana de Salvador (PED-RMS) e da Pesquisa de Confiança do Empresariado Baiano como fontes de informação, verifica-se uma piora conjuntural do mercado de trabalho baiano ao longo de 2015 – com elevação do desemprego, eliminação de empregos com carteira assinada e redução dos rendimentos reais médios –, revertendo a tendência de melhora em curso nos últimos anos e frustrando as expectativas de retomada em curto prazo.

Reflexo de condições econômicas adversas e perspectivas deterioradas, os dados apontam, até o momento, para a continuidade de um mercado de trabalho formal com pouca vitalidade em território baiano. Mesmo que venha a se desvencilhar de uma rota descendente, como a do último ano, o cenário ainda deve continuar ruim por algum tempo antes de assumir viés de melhora.

As projeções realizadas pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI) vêm se confirmando e continuam a revelar tendência de fechamento de postos de trabalho no primeiro trimestre de 2016, período costumeiramente marcado por saldos positivos na geração de empregos com carteira assinada – a despeito do número negativo nesse trimestre no ano passado. Além do mais, o desânimo quanto ao futuro, revelado pelo empresariado do estado, em níveis ineditamente baixos, robustece a hipótese de continuidade de um mercado de trabalho com pouco dinamismo.

CENÁRIO ECONÔMICO

O declínio da atividade econômica atinge quase todos os setores da economia baiana, reforçando a deterioração dos indicadores relacionados ao mercado de trabalho. A Agropecuária revelou resultados favoráveis, a despeito do momento econômico adverso, mas a Indústria, o Comércio e os Serviços assumiram um comportamento recessivo no quarto trimestre de 2015.

A expectativa para a safra baiana de grãos de 2015 é de crescimento de 17,1% em relação ao ano anterior, quando a produção totalizou 7,97 milhões de toneladas. Conforme o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) do mês de dezembro, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a produção física de grãos alcançará 9,33 milhões de toneladas na Bahia. Dessa forma, a produtividade, entendida como a relação entre produção física e área colhida, deverá aumentar 4,0% de um ano ao outro caso a estimativa seja confirmada.

Segundo informações da Pesquisa Industrial Mensal do IBGE, a taxa de produção industrial (incluindo a indústria de transformação e a extrativa mineral) no quarto trimestre de 2015 decresceu 9,5%, em comparação ao quarto trimestre do ano anterior – encadeando a quarta ocorrência subsequente de queda no confronto interanual, após o último registro positivo no trimestre terminado em agosto (2,8%). A redução no ritmo produtivo do setor na Bahia ocorreu tanto na indústria extrativa quanto na de transformação, com quedas de 11,1% e 9,4%, respectivamente.

Em relação a atividade comercial, a Pesquisa Mensal de Comércio do IBGE mostrou queda de 11,9% no volume de vendas do comércio varejista no quarto trimestre de 2015, no confronto interanual. Na série sem ajuste sazonal, a comparação com o mesmo trimestre de um ano antes apontou retração pela 12ª vez seguida. Porém, o recuo no trimestre encerrado em dezembro último foi o mais intenso.

O setor de Serviços na Bahia teve redução da sua receita nominal no quarto trimestre de 2015, em relação ao mesmo período do ano anterior. Conforme resultados revelados pela Pesquisa Mensal de Serviços do IBGE, houve uma contração de 7,2% na comparação interanual – quinto recuo sucessivo nessa base de comparação e o mais acentuado deles.

O Indicador de Confiança do Empresariado Baiano (ICEB), que avalia as expectativas empresariais através da manifestação das entidades representativas do setor produtivo do estado, calculado pela SEI, permaneceu em patamar consideravelmente baixo. Em outubro e dezembro de 2015, o ICEB registrou as menores pontuações da série: -481 pontos e -479 pontos, respectivamente – indicando pessimismo relevante e reforçando a ideia de prosseguimento de contração econômica na Bahia nos meses vindouros. Em novembro, foram computados -460 pontos – sétimo pior resultado de sua sequência.

EMPREGOS FORMAIS

A análise das médias móveis de doze meses do saldo de empregos formais na Bahia mostra reduções mensais de junho de 2014 até novembro de 2015, com interrupção no decréscimo em dezembro último. A despeito de um início promissor em 2014, o mercado de trabalho formal baiano foi se atrofiando ao longo desse ano e, em 2015, passou a mostrar um quadro de evidente retração, com cortes de vínculos tutelados pela legislação trabalhista em quase todos os meses do referido ano.

Como se pode acompanhar pelo Gráfico 1, construído com base em informações do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados, a tendência crescente na geração de empregos com registro em carteira, verificada até os primeiros meses de 2014, foi revertida. A partir de então, iniciou-se uma rota de declínio.

O gráfico abaixo expõe um panorama de crescente dificuldade no mercado de trabalho formal da Bahia. O saldo médio móvel de 12 meses, de fevereiro de 2014 a dezembro de 2015, saiu de 5.370 postos gerados para 6.274 empregos formais eliminados, denunciando intensa redução do número de empregos protegidos. Os meses de outubro a dezembro, com arrefecimento significativamente maior, acabaram por deprimir ainda mais o mercado de trabalho baiano, num movimento que deve prosseguir nos primeiros meses do ano que se inicia.



Gráfico 1
Evolução do saldo de empregos formais por média móvel de doze meses na Bahia – Jan. 2014-dez. 2015

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2016.

Diferentemente de anos anteriores, o emprego formal na Bahia, em termos de saldos trimestrais, iniciou 2015 com queda na ocupação. A supressão de postos de trabalho foi crescente a cada trimestre. No acumulado do ano, 75.286 trabalhadores com carteira assinada foram dispensados no estado – equivalendo a uma redução de 4,11% no contingente de 1.832.137 empregos existentes ao final de 2014.

Concentrando-se no quarto trimestre de 2015, o número de empregos com carteira assinada, conforme o Gráfico 2, sofreu redução de 36.312 postos de trabalho – contração duas vezes maior que a do terceiro trimestre, quando o encolhimento no nível de emprego formal totalizou 18.045 postos.

Em referência ao mesmo trimestre do ano precedente, quando 25.344 relações empregatícias haviam sido extintas, o mercado de trabalho formal, no quarto trimestre de 2015, também revelou um cenário que ratifica a performance, para 2015, inferior à constatada em anos anteriores.

Dessa maneira, o período findado em dezembro assumiu o posto de pior trimestre, em termos de saldo, dos últimos dez anos. Por sinal, os meses de outubro (-11.307 postos) e novembro (-6.037 empregos celetistas), tomados individualmente, apresentaram mínimos históricos nas séries de cada referido mês desde 2006. O saldo de dezembro (-18.968 postos) ficou com o segundo menor registro da respectiva série, superior apenas ao verificado em dezembro de 2014, quando foram eliminados 22.014 postos de trabalho.

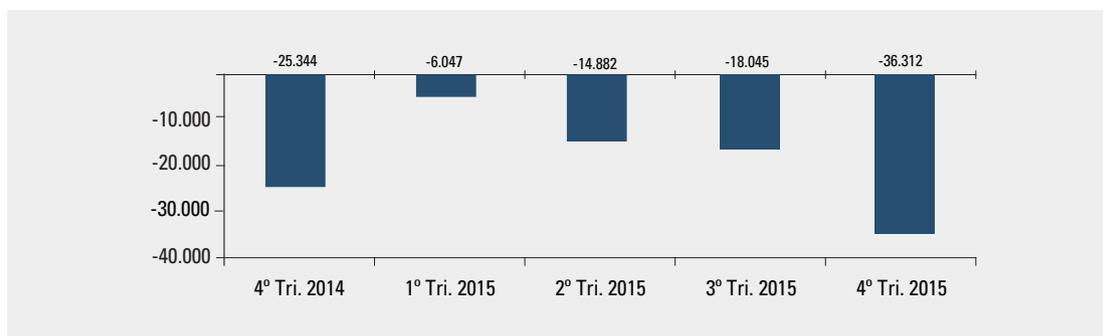


Gráfico 2
Evolução trimestral do saldo de empregos formais na Bahia – 4º tri. 2014-4º tri. 2015

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2016.

Excetuando o saldo do último mês, os demais contam com o ajuste das declarações fora do prazo.

A retração no mercado de trabalho formal baiano foi se difundindo pelos setores ao longo de 2015. No primeiro trimestre, quatro setores eliminaram postos de trabalho; no segundo, esse número passou a cinco; no terceiro, a sete; e no trimestre encerrado em dezembro, o recuo no nível de oportunidades ocupacionais envolveu todas as oito atividades consideradas. Esse número é superior também ao do mesmo trimestre de 2014, quando sete segmentos tiveram saldo negativo.

Numa avaliação setorial, no que concerne a saldos trimestrais, Agropecuária e Serviços, com dispensa de 10.311 e 9.173 trabalhadores formalizados no quarto trimestre de 2015, respectivamente, destacaram-se com desempenhos mais negativos. Em contrapartida, conforme a Tabela 1, os setores de Serviços Industriais de Utilidade Pública (-132 postos) e Extrativa Mineral (-253 postos) foram os que evidenciaram o menor número de postos de trabalho fechados no trimestre.

Tabela 1**Comportamento do mercado de trabalho formal por setor de atividade econômica na Bahia por trimestre**

| Setor de atividade econômica | 4º trimestre de 2014 | 3º trimestre de 2015 | 4º trimestre de 2015 |
|---|----------------------|----------------------|----------------------|
| Extrativa Mineral | -7 | 58 | -253 |
| Indústria de Transformação | -6.414 | -1.155 | -6.708 |
| Serviços Industriais de Utilidade Pública | -45 | -462 | -132 |
| Construção Civil | -8.423 | -6.950 | -7.661 |
| Comércio | 6.636 | -3.151 | -419 |
| Serviços | -6.508 | -4.247 | -9.173 |
| Administração Pública | -721 | -521 | -1.655 |
| Agropecuária, Ext. Vegetal, Caça e Pesca | -9.862 | -1.617 | -10.311 |
| Total | -25.344 | -18.045 | -36.312 |

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2016.

Excetuando o saldo do último mês, os demais dados contam com o ajuste das declarações realizadas fora do prazo.

O saldo de postos de trabalho foi negativo em todas as regiões brasileiras no quarto trimestre de 2015. A Região Nordeste, com o encerramento de 102.555 empregos celetistas, ficou com o terceiro pior saldo no trimestre. Entre os estados nordestinos, apenas um apresentou saldo positivo: Alagoas, com surgimento de 8.800 postos de trabalho – por sinal, também o único a elevar o nível de emprego formal entre as unidades da Federação no quarto trimestre. A Bahia, com corte de 36.312 oportunidades ocupacionais, foi o estado nordestino com o menor desempenho no trimestre, seguido por Pernambuco e Ceará, com 26.411 e 19.297 postos de trabalho fechados, respectivamente.

No *ranking* nacional, ordenado do maior ao menor saldo no período, a Bahia ficou na 20ª posição no trimestre, uma acima da ocupada no trimestre anterior. Foi uma melhora relativa, proporcionada principalmente pela forte retração de oportunidades de trabalho verificada em outras unidades federativas do que propriamente por uma melhora, em si, na dinâmica de geração de empregos formais do estado.

Quanto à distribuição intraestadual, semelhantemente ao ocorrido no trimestre antecedente, a Região Metropolitana de Salvador (RMS) e o interior do estado revelaram corte de vagas no quarto trimestre. Enquanto a RMS eliminou 13.130 empregos com registro em carteira, o interior foi responsável pelo corte de 23.182 postos de trabalho (Tabela 2). Os resultados para o hiato temporal de outubro a dezembro de 2015 foram mais negativos que os verificados no mesmo trimestre do ano anterior, especialmente no interior.

Apesar do maior protagonismo do interior no que diz respeito ao corte de postos de trabalho ao final do ano, a perda de empregos formais na área metropolitana, quando se considera o acumulado de 2015, foi superior àquela constatada nas outras regiões do estado – quase duas vezes maior. Essa diferença mantém a área metropolitana como centro da perda de dinamismo do mercado de trabalho formal no território baiano no ano.

Tabela 2**Comportamento do mercado de trabalho celetista baiano entre RMS e interior por trimestre**

| Área geográfica | 4º trimestre de 2014 | 3º trimestre de 2015 | 4º trimestre de 2015 |
|-----------------|----------------------|----------------------|----------------------|
| Bahia | -25.344 | -18.045 | -36.312 |
| RMS | -12.003 | -10.273 | -13.130 |
| Interior | -13.341 | -7.772 | -23.182 |

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2016.

O saldo negativo de 36.312 empregos formais, observado no quarto trimestre de 2015, foi oriundo de 139.666 admissões e 175.978 desligamentos. Em relação ao trimestre imediatamente anterior, o número de admissões apresentou recuo superior ao de desligamentos, quer dizer, houve redução das contratações em ritmo maior que o dos desligamentos. Esse quadro indica dinâmica mais associada a uma insuficiência na geração de novos postos de trabalho do que a um aumento significativo de dispensas, ou seja, maior dificuldade em se alocar no mercado formal do que probabilidade em perder uma vaga.

Conforme a Tabela 3, no que se refere ao tipo de movimentação dos vínculos, as modalidades predominantes, Admissão por Reemprego e Desligamento por Demissão sem Justa Causa, recuaram 16,2% e 8,1%, respectivamente, do terceiro para o quarto trimestre. No campo das admissões, o reemprego, tipo de contratação mais comum no mercado de trabalho formal baiano, correspondeu a 83,8% das admissões no trimestre encerrado em dezembro – percentual superior ao do trimestre anterior, de 82,8%. Os admitidos via primeiro emprego e os contratados por prazo determinado responderam por 9,3% e 6,8%, respectivamente, das modalidades de ingresso no mercado de trabalho.

No que diz respeito aos desligamentos, a demissão sem justa causa foi responsável por 69,0% dos motivos no trimestre de outubro a dezembro – proporção inferior aos 70,7% do terceiro trimestre. As demais modalidades com alguma significância foram os desligamentos por término de contrato e a pedido, os quais equivaleram a 16,0% e 10,5% das formas de desligamento ocorridas.

No mercado de trabalho formal baiano, na comparação com o terceiro trimestre, as admissões por primeiro emprego e por contrato de trabalho por prazo determinado destacaram-se pela respectiva redução em 26,1% e 17,0%. No mesmo período, desligamentos por término de contrato e terminos de contrato de trabalho por prazo determinado se distinguiram pela ampliação em 15,5% e 10,5%, respectivamente.

Tabela 3
Comparativo trimestral dos saldos do mercado de trabalho celetista, por tipo de movimentação – Bahia

| Tipo mov. desagregado | 3º trimestre de 2015 | 4º trimestre de 2015 | Varição |
|---|----------------------|----------------------|----------|
| Admissão por Reemprego | 139.756 | 117.089 | -16,2% |
| Admissão por Primeiro Emprego | 17.526 | 12.957 | -26,1% |
| Contrato Trabalho Prazo Determinado | 11.413 | 9.476 | -17,0% |
| Admissão por Reintegração | 141 | 144 | 2,1% |
| Admissão por Transferência | 0 | 0 | - |
| Desligamento por Transferência | 0 | 0 | - |
| Desligamento por Aposentadoria | -138 | -104 | -24,6% |
| Desligamento por Morte | -539 | -534 | -0,9% |
| Desligamento por Demissão com Justa Causa | -1.745 | -1.359 | -22,1% |
| Término Contrato Trabalho Prazo Determinado | -5.444 | -6.013 | 10,5% |
| Desligamento a Pedido | -22.546 | -18.459 | -18,1% |
| Desligamento por Término de Contrato | -24.335 | -28.111 | 15,5% |
| Desligamento por Demissão sem Justa Causa | -132.134 | -121.398 | -8,1% |
| Total | -18.045 | -36.312 | - |

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2016.

Excetuando o saldo do último mês, os demais dados contam com o ajuste das declarações realizadas fora do prazo.

Com o auxílio do Gráfico 3, que traz informações a respeito do saldo de empregos formais repartidos por faixa de salário mínimo, pode-se observar que, no último trimestre de 2015, o fechamento de postos de trabalho alcançou todos os níveis de remuneração. Antes disso, aqueles que receberam até um salário mínimo apresentaram saldo positivo.

O movimento de substituição de empregos com maior remuneração pelos de menor salário, observado nos períodos anteriores, portanto, foi descontinuado no último trimestre de 2015. Com o agravamento e a persistência da crise, o expediente de desligar primeiramente os trabalhadores mais bem remunerados, posto em prática pelas empresas como medida de primeira ordem para controle dos custos, parece ter se esgotado, de forma que os desligamentos avançaram sobre os que recebem os menores rendimentos.

Além do mais, em relação ao trimestre anterior e ao quarto trimestre de 2014, houve uma contração mais acentuada do emprego formal, independentemente do grupo salarial. Com aqueles pertencentes ao estrato que recebe entre um e dois salários mínimos continuando a ser os mais penalizados.

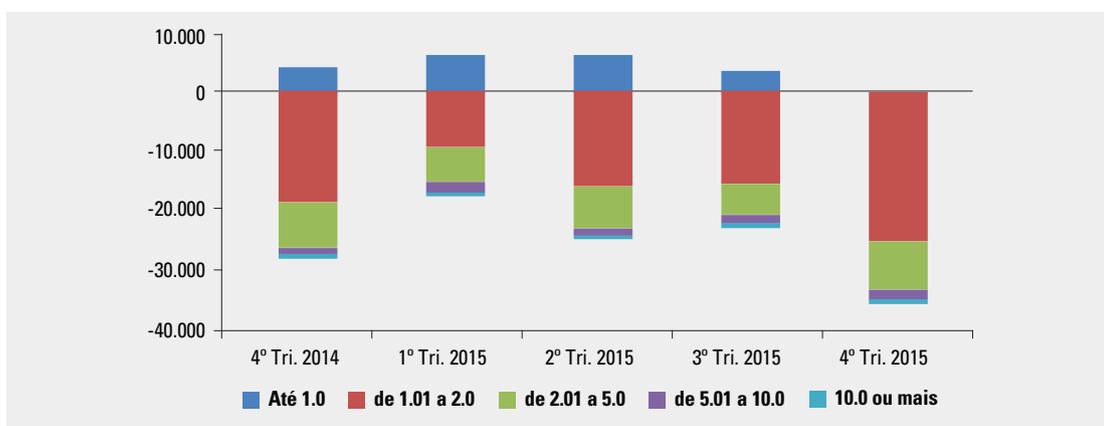


Gráfico 3

Evolução trimestral do saldo de empregos formais por faixa de salário mínimo – Bahia – 4º tri. 2014-4º tri. 2015

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego (MTE).

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2016.

As informações trabalhadas não contemplam as declarações realizadas fora do prazo.

No quarto trimestre de 2015, o salário real médio de admissão, na Bahia, atingiu o valor de R\$ 1.155 – diferença de R\$ 139 em relação ao do país, que foi de R\$ 1.294. Num comparativo com o terceiro trimestre, quando alcançou R\$ 1.169, houve diminuição real de 1,2%. Na comparação interanual, não se verificou alteração, já que o valor também ficou em R\$ 1.155. A evolução trimestral deste indicador pode ser acompanhada pelo Gráfico 4.

Tanto a remuneração média dos trabalhadores admitidos quanto a dos desligados alcançaram seus menores níveis desde o último trimestre de 2014 – comportamento condizente com a persistência do momento econômico desfavorável. Assim, além da queda do emprego formal, nota-se, também, perda salarial no período.

A diferença entre o salário real médio de desligados e admitidos, no quarto trimestre, diminuiu em relação à dos trimestres da base de comparação. Enquanto no quarto trimestre de 2015 o trabalhador admitido recebeu, em média, 89,0% do recebido pelo trabalhador desligado, no trimestre precedente e no último de 2014, esses percentuais foram de 88,6% e 88,4%, respectivamente.

O preço de rotatividade da mão de obra na Bahia, no quarto trimestre de 2015, desse modo, aumentou em relação ao dos trimestres de contraponto. Assim, com a continuidade dessa condição, qualquer intento futuro por parte das empresas de substituir empregados, visando enxugar a folha de pagamentos, tornar-se-á menos vantajoso, minorando, por conseguinte, a taxa de rotatividade.

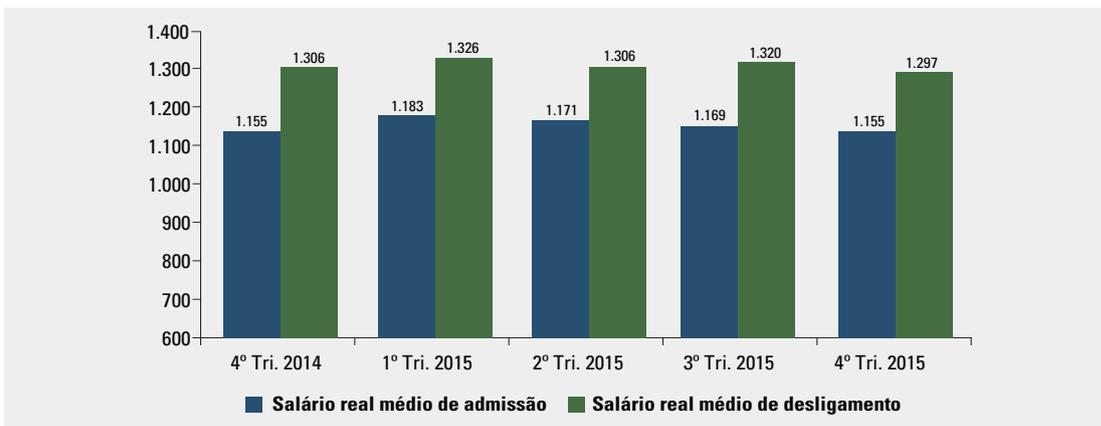


Gráfico 4
Salário real médio de admissão e de desligamento na Bahia por trimestre – Bahia – 4º tri. 2014-4º tri. 2015

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego (MTE).

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2016.

Dados deflacionados em relação a dezembro de 2015 pelo IPCA.

MERCADO DE TRABALHO NA RMS SEGUNDO PESQUISA DE EMPREGO E DESEMPREGO

Ao contrário do que tem ocorrido com persistente regularidade desde o início da Pesquisa de Emprego e Desemprego da Região Metropolitana de Salvador (PED-RMS), em 1996, a taxa de desemprego total¹ cresceu entre o terceiro e o quarto trimestre de 2015, ao passar dos 19,4% para 19,9% da População Economicamente Ativa (PEA)². Além de contrariar a tendência sazonal, que é de redução na segunda metade do ano, esse crescimento resultou na mais elevada taxa nesse trimestre desde 2007 (Gráfico 5 e Tabela 1A, no apêndice).

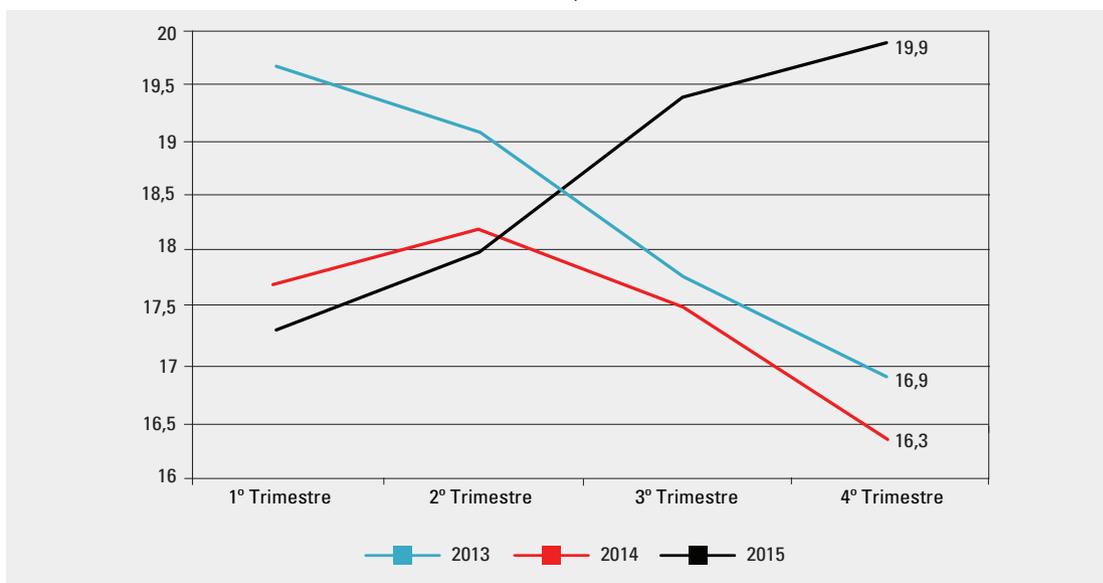


Gráfico 5
Taxa trimestral de desemprego total da RMS: 2013 a 2015

Fonte: PEDRMS – Convênio SEI, Setre, Dieese, Seade, MTE/FAT.

¹A taxa de desemprego total é uma média móvel, calculada com base em três painéis, envolvendo a coleta dos últimos três meses. Outros indicadores da PED-RMS seguem a mesma metodologia.

²Desde a implantação da PED-RMS, apenas em 2008 a taxa de desemprego do quarto trimestre foi superior à do terceiro trimestre, quando os resultados foram, respectivamente, 19,7% e 19,8%.

O aumento da desocupação entre o terceiro e o quarto trimestre foi motivado pelo acréscimo de 67 mil pessoas no mercado de trabalho, número superior ao do incremento da ocupação, que foi de 44 mil. Com isso, a população na condição de desemprego passou a ser de 377 mil pessoas, 23 mil a mais que o contingente do terceiro trimestre.

O crescimento da PEA dos diversos grupos populacionais entre os trimestres não foi uniforme. A variação da taxa de participação das mulheres (aumento de 4,9%) foi quase três vezes maior que a dos homens (1,7%); a das pessoas com menos instrução – com curso fundamental incompleto (2,6%) ou as com o fundamental completo e médio incompleto (2,9%) – foi consideravelmente mais elevada que a dos mais escolarizados (0,7% para os que detinham o nível médio completo ou superior incompleto, e 1,5% para os com o curso superior completo); e a presença dos negros na PEA cresceu 3,9%, enquanto a dos não negros decresceu 5,4% (Tabela 2A, no apêndice). Ou seja: podem estar se esgotando as reservas que permitiam aos segmentos populacionais mais vulneráveis se ausentar do mercado de trabalho à espera de uma conjuntura mais favorável.

O comportamento da taxa de desemprego total em relação ao quarto trimestre de 2014 foi de crescimento intenso (aumento de 22,1%), motivado pela redução de 48 mil posições de trabalho (-3,1%) e pela adição de 24 mil pessoas à PEA (acrécimo de 1,3%). O contingente de desempregados foi ampliado em 72 mil pessoas, 23,6% a mais que o existente em dezembro de 2014.

O surgimento de 44 mil postos de trabalho entre o terceiro e o quarto trimestre de 2015 adveio do acréscimo de 53 mil trabalhadores no contingente alocado no setor de *Serviços* (5,8%) e de 1 mil na *Construção* (0,8%), e da redução de 11 mil postos no *Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas* (-3,8%) e de 1 mil na *Indústria de transformação* (-0,9%).

Contudo, esse crescimento não foi suficiente para repetir o nível de ocupação observado no quarto trimestre do ano anterior. A perda de 48 mil postos de trabalho em 12 meses impactou mais intensamente o setor de *Construção*, com o desaparecimento de 17,1% dos empregos (-26 mil postos). Porém, ela também se fez sentir com vigor no *Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas*, com -10,3% (-32 mil), e na *Indústria de transformação*, com -9,7% das posições (-12 mil). Apenas em *Serviços* o número de trabalhadores ocupados aumentou, com o acréscimo de 27 mil pessoas (2,9%) (Tabela 3A).

Quanto ao vínculo ou relação de trabalho, entre o terceiro e o quarto trimestre de 2015, houve crescimento no número de trabalhadores *Assalariados* (54 mil ou 5,4%) e *Empregados domésticos* (5 mil ou 4,3%) e diminuição dos *Autônomos* (menos 14 mil pessoas ou -4,9%). Entre os *Assalariados*, houve aumento do número de trabalhadores no setor público (22,0% ou 29 mil trabalhadores) e no setor privado (3,2% ou 28 mil). No setor privado, cresceram os contingentes com carteira de trabalho assinada (3,4% ou 26 mil trabalhadores) e os empregados sem carteira (2 mil ou 1,8%) (Tabela 4A, no apêndice).

Ainda em relação à posição na ocupação, nos últimos 12 meses, houve redução nos contingentes de trabalhadores *Autônomos* (-23 mil postos ou -7,8%), *Assalariados* (-22 mil ou -2,0%) e *Empregados domésticos* (-6 mil ou -4,7%). A redução entre os *Assalariados* foi devido à perda de postos de trabalho no setor privado (-37 mil ou -4,0%), já que a ocupação cresceu no setor público (16 mil postos ou 11,0%). O fechamento de postos de trabalho no setor privado atingiu mais intensamente as posições protegidas pela carteira de trabalho assinada pelo empregador, cuja perda alçou a 35 mil postos de trabalho (-4,3% dos existentes em 2014). O número de posições precárias, representadas pelo trabalho assalariado sem carteira de trabalho assinada, diminuiu de forma mais modesta: foram fechadas 2 mil posições de trabalho, representando 1,8% das existentes no ano anterior.

Embora os dados disponíveis pela Pesquisa de Emprego e Desemprego da RMS sobre rendimentos do trabalho não abranjam todos os meses do quarto trimestre de 2015³, os valores encontrados para os ocupados nos dois primeiros meses do trimestre mostram que em novembro houve melhoria do rendimento médio real dos ocupados (aumento de 1,5%) e também da massa de rendimentos (3,9%) em relação aos valores vigentes no terceiro trimestre. Em relação aos assalariados, o rendimento médio real de novembro ficou relativamente estabilizado (variação de 0,2%), porém a melhoria do nível do emprego favoreceu o crescimento da massa de rendimentos, que aumentou 3,9% (Gráfico 6 e Tabela 5A, no apêndice).

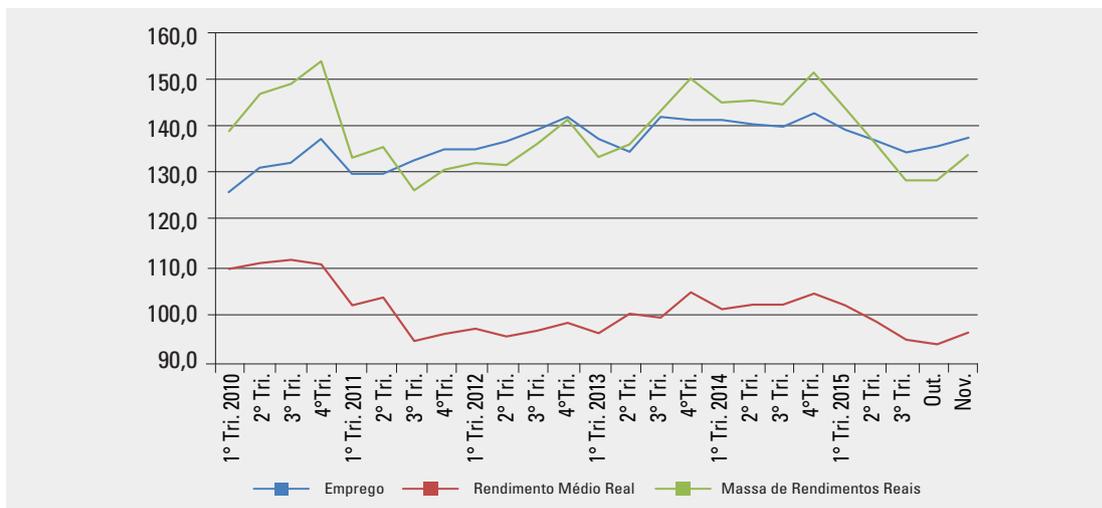


Gráfico 6
Índices trimestrais do emprego, do rendimento médio real e da massa de rendimentos reais dos ocupados da RMS: 2010 a 2015

Fonte: PED-RMS – Convênio SEI, Setre, Dieese, Seade, MTE/FAT.

Embora a análise do rendimento médio real de novembro comparativamente ao terceiro trimestre mostre uma evolução favorável, principalmente em relação à massa de rendimentos, a comparação com o mesmo mês de 2014, ao tempo em que diminui a influência da sazonalidade, revela perdas importantes na renda do trabalho. Em relação aos assalariados, houve uma perda de 7,7% no valor real do rendimento médio dos empregados, o que, aliado à diminuição do nível de emprego, resulta em queda de 11,5% na massa de rendimento. A redução é um pouco menor para o conjunto dos ocupados. Nesse caso, a massa de rendimento real diminuiu 10,0% em relação a novembro de 2014, e o rendimento médio, 6,7%. Como visto, em ambos os casos, o nível de ocupação e o rendimento médio real contribuíram para o decréscimo da massa de rendimento.

PERSPECTIVAS PARA O MERCADO DE TRABALHO

Expectativa dos empresários baianos para o emprego

A Pesquisa de Confiança do Empresariado Baiano, realizada mensalmente com representantes dos setores produtivos da Bahia, sonda as expectativas empresariais a respeito de diversos assuntos, colaborando, assim, para antecipar rumos de temas relevantes para a economia do estado. O ânimo quanto à contratação futura por parte dos setores participantes, por exemplo, é um dos objetos da pesquisa.

³A razão para a defasagem das informações sobre rendimento nas pesquisas que adotam a metodologia da PED se deve ao fato de os entrevistados serem inquiridos sobre os rendimentos obtidos no mês anterior. Trata-se, portanto, do rendimento de fato recebido e não do rendimento esperado para o mês da entrevista.

Construído a partir das respostas dos empresários baianos em relação aos planos de contratar, manter ou encerrar vagas, o Indicador de Expectativas para Emprego (IEE) tem sido negativo desde dezembro de 2013. Atingindo patamares bastante pessimistas, a mensagem exposta por esse indicador para os meses futuros continua sendo a de eliminação de postos de trabalho.

O IEE dos últimos três meses de 2015 (outubro: -435 pontos; novembro: -440 pontos; e dezembro: -468 pontos) continuou evidenciando uma expectativa considerável de redução de postos de trabalho para o intervalo vindouro de um ano, mas em patamares menos pessimistas quando comparados ao do mês de encerramento do terceiro trimestre do ano (-476 pontos). A propósito, no mês de julho ocorreu o pior registro desse indicador (-487 pontos).

Entre os setores, em relação ao fecho do trimestre antecedente, apenas a Indústria ampliou o desânimo ao final do quarto trimestre. O segmento de Serviços e Comércio apresentou o menor indicador, em dezembro, sinalizando grau considerável de pessimismo. No ano, foi a sexta vez que o cenário projetado por este setor, no quesito emprego, assumiu o resultado mais pessimista, já que, de janeiro a maio e em julho, a Indústria foi a atividade de pior expectativa (Gráfico 7). No mês de encerramento do quarto trimestre de 2015, Agropecuária e Indústria também revelaram nível considerável de pessimismo quanto ao quesito emprego.

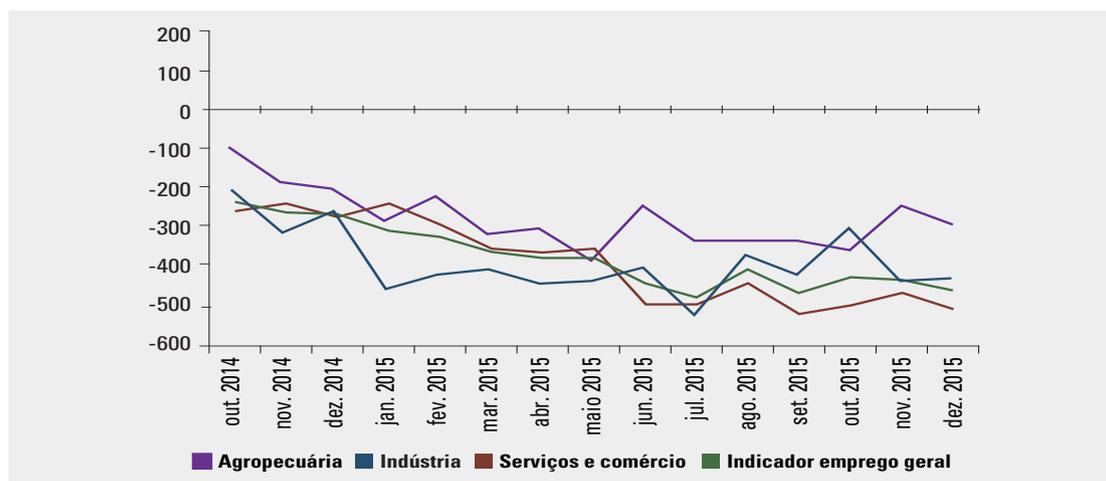


Gráfico 7

Evolução do Indicador de Expectativas para Emprego na Bahia por setor de atividade – Out. 2014-dez. 2015

Fonte: SEI/Dipeq/Copes, 2016.

Analisando-se o nível esperado de contratação para os 12 meses seguintes, observado no quarto trimestre de 2015, 69,9% dos entrevistados afirmaram que pretendem promover o desligamento de empregados; 27,4% dos empresários planejam manter a quantidade atual de trabalhadores; e apenas 2,6% cogitaram a possibilidade de contratar.

Conforme o Gráfico 8, o intento, por parte do setor produtivo baiano, de reduzir o quadro de funcionários no futuro teve seu crescimento interrompido – após atingir 71,5% no trimestre imediatamente anterior. Em paralelo, o fito de admitir se elevou, assumindo seu maior estágio entre os trimestres do ano, e o de manter trabalhadores ficou praticamente estável em comparação ao registro anterior, freando o ritmo de queda observado nos últimos trimestres.

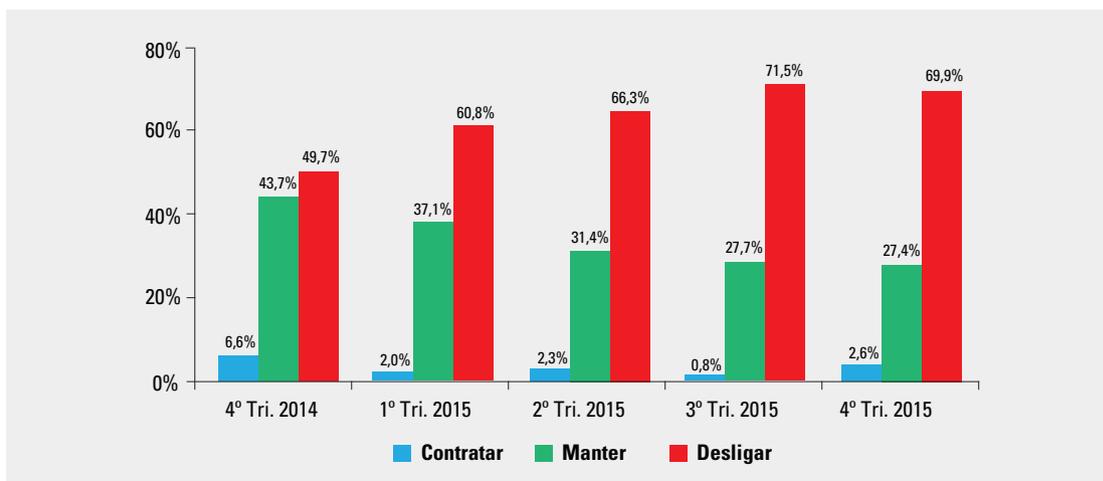


Gráfico 8
Percentual de respostas quanto ao quesito emprego por trimestre – 4º tri. 2014-4º tri. 2015

Fonte: SEI/Dipeq/Copes, 2016.

Projeção do emprego formal

Sem considerar as declarações fora do prazo, a projeção realizada pela SEI indica que a deterioração do mercado de trabalho baiano continua em curso, com corte previsto de 17.233 postos de trabalho formais nos três primeiros meses de 2016⁴. Se confirmada tal expectativa, o número de empregos com carteira assinada na Bahia, no próximo trimestre, ficará num patamar abaixo do registrado em qualquer primeiro trimestre desde 2006. Até então, o menor saldo no primeiro trimestre havia sido o de 2015, quando foram eliminados 6.047 vínculos de trabalho com carteira assinada, único episódio de saldo negativo entre os primeiros trimestres dos últimos dez anos.

A perda de empregos celetistas esperada para o primeiro trimestre do ano está sendo influenciada, principalmente, pelo comportamento dos setores de Comércio (-8.274 postos), de Serviços (-3.720 oportunidades) e de Construção Civil (-3.194 postos). Somente dois setores revelaram saldo projetado positivo: Administração Pública e Agropecuária, nos quais são aguardadas 218 e 136 novas oportunidades ocupacionais, respectivamente. As demais projeções podem ser visualizadas na tabela abaixo.

Tabela 4
Projeção de empregos formais por setor de atividade econômica

| Mês | Setor de atividade econômica | | | | | | | | Total |
|--------------|------------------------------|----------------------------|---|------------------|---------------|---------------|-----------------------|--------------|----------------|
| | Extrativa mineral | Indústria de transformação | Serviços industriais de utilidade pública | Construção civil | Comércio | Serviços | Administração pública | Agropecuária | |
| jan/16 | -25 | -292 | -102 | -632 | -3.158 | -462 | -57 | -2 | -4.730 |
| fev/16 | -43 | -1.195 | -236 | -1.867 | -2.122 | -1.449 | 149 | -307 | -7.070 |
| mar/16 | -35 | -373 | -98 | -695 | -2.994 | -1.809 | 126 | 445 | -5.433 |
| Total | -103 | -1.860 | -436 | -3.194 | -8.274 | -3.720 | 218 | 136 | -17.233 |

Fonte: SEI/Dipeq/Copes, 2016.

⁴A projeção feita pela SEI baseou-se em dados atualizados até dezembro de 2015.

A projeção feita pela SEI, com supressão de 17.233 vínculos formais no primeiro trimestre de 2016, o cenário captado pela Pesquisa de Confiança do Empresariado Baiano, com indicadores ainda bem deteriorados, juntamente com os demais vetores de desaceleração econômica no estado, além dos últimos dados de fluxos do Caged, ajudam a entender a permanência da expectativa negativa quanto às condições de emprego e renda na Bahia para os próximos meses – alimentando os indícios de que o mercado de trabalho celetista baiano continuará enfrentando dificuldades em 2016. Ou seja, não há sinais de mudança capazes de legitimar uma retomada em curto prazo.

APÊNDICE

Tabela 1A
Estimativas da População Total e Economicamente Ativa e dos Inativos Maiores de 10 Anos, Taxas Globais de Participação e de Desemprego Total
Região Metropolitana de Salvador – 2010-2015

| Trimestres | População economicamente ativa | | | | | | Inativos maiores de 10 anos | | | Taxas (%) | | | População Total (1) |
|---------------------------|--------------------------------|------------|-----------------------|------------|-----------------------|------------|-----------------------------|-----------------------|------------|------------------------|----------------------------|--|---------------------|
| | Total | | Ocupados | | Desempregados | | Índice (2) | Números absolutos (1) | Índice (2) | Participação (pea/pia) | Desemprego total (des/pea) | | |
| | Números absolutos (1) | Índice (2) | Números absolutos (1) | Índice (2) | Números absolutos (1) | Índice (2) | | | | | | | |
| 1º tri. 2010 | 1.722 | 115,0 | 1.379 | 125,5 | 343 | 86,2 | 1.226 | 128,0 | 58,4 | 19,9 | 3.424 | | |
| 2º tri. 2010 | 1.724 | 115,2 | 1.436 | 130,7 | 288 | 72,4 | 1.238 | 129,2 | 58,2 | 16,7 | 3.436 | | |
| 3º tri. 2010 | 1.728 | 115,4 | 1.448 | 131,8 | 280 | 70,4 | 1.246 | 130,1 | 58,1 | 16,2 | 3.447 | | |
| 4º tri. 2010 | 1.745 | 116,6 | 1.504 | 136,9 | 241 | 60,6 | 1.243 | 129,7 | 58,4 | 13,8 | 3.459 | | |
| 1º tri. 2011 | 1.687 | 112,7 | 1.422 | 129,4 | 265 | 66,6 | 1.315 | 137,3 | 56,2 | 15,7 | 3.470 | | |
| 2º tri. 2011 | 1.683 | 112,4 | 1.422 | 129,4 | 261 | 65,6 | 1.333 | 139,1 | 55,8 | 15,5 | 3.482 | | |
| 3º tri. 2011 | 1.727 | 115,4 | 1.454 | 132,3 | 273 | 68,6 | 1.302 | 135,9 | 57,0 | 15,8 | 3.494 | | |
| 4º tri. 2011 | 1.722 | 115,0 | 1.479 | 134,6 | 243 | 61,1 | 1.320 | 137,8 | 56,6 | 14,1 | 3.505 | | |
| 1º tri. 2012 | 1.788 | 119,4 | 1.479 | 134,6 | 309 | 77,6 | 1.268 | 132,4 | 58,5 | 17,3 | 3.517 | | |
| 2º tri. 2012 | 1.824 | 121,8 | 1.498 | 136,3 | 326 | 81,9 | 1.247 | 130,2 | 59,4 | 17,9 | 3.529 | | |
| 3º tri. 2012 | 1.884 | 125,9 | 1.526 | 138,9 | 358 | 89,9 | 1.200 | 125,3 | 61,1 | 19,0 | 3.541 | | |
| 4º tri. 2012 | 1.865 | 124,6 | 1.555 | 141,5 | 310 | 77,9 | 1.233 | 128,7 | 60,2 | 16,6 | 3.553 | | |
| 1º tri. 2013 | 1.873 | 125,1 | 1.504 | 136,9 | 369 | 92,7 | 1.239 | 129,3 | 60,2 | 19,7 | 3.565 | | |
| 2º tri. 2013 | 1.822 | 121,7 | 1.474 | 134,1 | 348 | 87,4 | 1.304 | 136,1 | 58,3 | 19,1 | 3.577 | | |
| 3º tri. 2013 | 1.893 | 126,5 | 1.556 | 141,6 | 337 | 84,7 | 1.247 | 130,2 | 60,3 | 17,8 | 3.589 | | |
| 4º tri. 2013 | 1.864 | 124,5 | 1.549 | 140,9 | 315 | 79,1 | 1.290 | 134,7 | 59,1 | 16,9 | 3.601 | | |
| 1º tri. 2014 | 1.882 | 125,7 | 1.549 | 140,9 | 333 | 83,7 | 1.286 | 134,2 | 59,4 | 17,7 | 3.613 | | |
| 2º tri. 2014 | 1.881 | 125,7 | 1.539 | 140,0 | 342 | 85,9 | 1.302 | 135,9 | 59,1 | 18,2 | 3.625 | | |
| 3º tri. 2014 | 1.857 | 124,0 | 1.532 | 139,4 | 325 | 81,7 | 1.340 | 139,9 | 58,1 | 17,5 | 3.637 | | |
| 4º tri. 2014 | 1.889 | 124,8 | 1.564 | 142,3 | 305 | 76,6 | 1.342 | 140,1 | 58,2 | 16,3 | 3.649 | | |
| 1º tri. 2015 | 1.845 | 123,2 | 1.526 | 138,9 | 319 | 80,2 | 1.381 | 144,2 | 57,2 | 17,3 | 3.662 | | |
| 2º tri. 2015 | 1.828 | 122,1 | 1.499 | 136,4 | 329 | 82,7 | 1.413 | 147,5 | 56,4 | 18,0 | 3.674 | | |
| 3º tri. 2015 | 1.826 | 122,0 | 1.472 | 133,9 | 354 | 88,9 | 1.429 | 149,2 | 56,1 | 19,4 | 3.686 | | |
| 4º tri. 2015 | 1.893 | 126,5 | 1.516 | 137,9 | 377 | 94,7 | 1.376 | 143,6 | 57,9 | 19,9 | 3.699 | | |
| Variação (%) | | | | | | | | | | | | | |
| 4º tri. 2015/3º tri. 2015 | | 3,7 | | 3,0 | | 6,5 | | -3,7 | 3,2 | | 2,6 | | 0,4 |
| Variação (%) | | | | | | | | | | | | | |
| 4º tri. 2015/4º tri. 2014 | | 1,3 | | -3,1 | | 23,6 | | 2,5 | -0,5 | | 22,1 | | 1,4 |

Fonte: PED-RMS – Convênio SEI, Setre, Dieese, Seade, MTE/FAT.

(1) Em 1000 pessoas.

(2) Base: média de 2000 = 100.

Nota: Projeções populacionais ajustadas com base no Censo de 2010. Ver nota técnica nº 8.

| Trimestres | Taxa de Participação | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|---------------------------|----------------------|------|----------|-----|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|----------------|----------------------|----------------|----------|------------|-------------------|--------------------|--------------------------------|--------------------------------|------------------|
| | Sexo | | | | Idade | | | | | | Posição no Domicílio | | Raça/Cor | | Grau de Instrução | | | | |
| | Homens | | Mulheres | | 10 a 15 Anos | 16 a 24 Anos | 25 a 39 Anos | 40 a 49 Anos | 50 a 59 Anos | 60 Anos e Mais | Chefes | Demais Membros | Negros | Não-Negros | Analfabetos (1) | 1º Grau Incompleto | 1º Grau Completo/2º Incompleto | 2º Grau Completo/3º Incompleto | 3º Grau Completo |
| | Total | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 1º tri. 2010 | 58,4 | 66,8 | 51,4 | (2) | 63,7 | 83,3 | 77,1 | 58,8 | 16,4 | 66,9 | 53,5 | 58,6 | 56,6 | (2) | 38,0 | 54,8 | 74,4 | 79,9 | |
| 2º tri. 2010 | 58,2 | 66,8 | 51,1 | (2) | 58,9 | 83,0 | 76,9 | 60,4 | 16,1 | 68,9 | 52,1 | 58,3 | 57,9 | (2) | 37,5 | 54,9 | 72,3 | 84,1 | |
| 3º tri. 2010 | 58,1 | 65,9 | 51,7 | (2) | 58,2 | 83,6 | 78,0 | 59,9 | 15,0 | 68,1 | 52,3 | 58,4 | 56,2 | (2) | 35,5 | 57,6 | 73,4 | 80,6 | |
| 4º tri. 2010 | 58,4 | 67,5 | 51,1 | (2) | 60,3 | 83,1 | 77,3 | 59,9 | 18,1 | 67,9 | 53,1 | 59,0 | 55,2 | 23,7 | 37,0 | 55,9 | 73,7 | 82,6 | |
| 1º tri. 2011 | 56,2 | 64,2 | 49,5 | (2) | 57,4 | 81,9 | 77,0 | 56,9 | 16,4 | 65,7 | 50,7 | 56,4 | 54,6 | (2) | 35,2 | 54,1 | 71,8 | 81,3 | |
| 2º tri. 2011 | 55,8 | 65,0 | 48,2 | (2) | 55,4 | 80,5 | 77,1 | 58,7 | 15,8 | 66,3 | 49,6 | 56,0 | 53,7 | 21,3 | 34,8 | 54,5 | 72,6 | 80,1 | |
| 3º tri. 2011 | 57,0 | 65,5 | 49,9 | (2) | 58,5 | 80,7 | 77,6 | 59,0 | 17,4 | 68,8 | 50,1 | 57,1 | 55,8 | 22,9 | 37,3 | 56,0 | 74,0 | 82,8 | |
| 4º tri. 2011 | 56,6 | 65,0 | 49,6 | (2) | 56,0 | 81,6 | 75,0 | 59,1 | 18,7 | 68,6 | 49,4 | 56,4 | 58,1 | 21,4 | 36,6 | 55,9 | 73,8 | 82,7 | |
| 1º tri. 2012 | 58,5 | 66,6 | 51,5 | (2) | 61,4 | 83,0 | 77,4 | 59,2 | 17,0 | 69,9 | 51,8 | 58,6 | 58,1 | 23,0 | 38,8 | 58,1 | 76,1 | 79,0 | |
| 2º tri. 2012 | 59,4 | 67,1 | 52,9 | (2) | 61,9 | 84,0 | 77,3 | 59,6 | 17,1 | 69,8 | 53,2 | 59,8 | 55,9 | 23,4 | 39,1 | 60,4 | 76,4 | 82,2 | |
| 3º tri. 2012 | 61,1 | 68,6 | 54,7 | (2) | 65,8 | 83,9 | 78,9 | 64,4 | 18,0 | 72,9 | 54,1 | 61,1 | 60,8 | 23,8 | 41,0 | 64,7 | 77,2 | 80,3 | |
| 4º tri. 2012 | 60,2 | 68,1 | 53,4 | (2) | 61,9 | 84,0 | 78,0 | 63,2 | 19,6 | 71,4 | 53,3 | 60,4 | 57,9 | 21,8 | 40,3 | 58,8 | 76,6 | 82,4 | |
| 1º tri. 2013 | 60,2 | 68,2 | 53,7 | (2) | 65,5 | 84,1 | 78,1 | 62,2 | 17,3 | 71,1 | 53,4 | 60,4 | 59,0 | 24,4 | 39,3 | 60,2 | 76,3 | 83,7 | |
| 2º tri. 2013 | 58,3 | 66,1 | 51,9 | (2) | 62,7 | 83,5 | 77,7 | 62,0 | 15,7 | 68,3 | 52,4 | 58,4 | 58,0 | (2) | 36,1 | 58,5 | 76,5 | 81,8 | |
| 3º tri. 2013 | 60,3 | 67,5 | 54,2 | (2) | 62,8 | 84,4 | 79,2 | 60,6 | 19,3 | 70,6 | 53,8 | 60,5 | 58,6 | 23,7 | 39,1 | 62,1 | 75,7 | 83,1 | |
| 4º tri. 2013 | 59,1 | 67,6 | 52,1 | (2) | 61,8 | 83,4 | 77,7 | 63,0 | 17,4 | 68,9 | 53,0 | 59,4 | 55,8 | 23,1 | 37,1 | 61,1 | 75,2 | 80,7 | |
| 1º tri. 2014 | 59,4 | 67,7 | 52,3 | (2) | 62,2 | 83,3 | 76,5 | 60,7 | 17,7 | 69,8 | 52,6 | 59,6 | 57,1 | 25,8 | 39,3 | 58,3 | 74,4 | 80,3 | |
| 2º tri. 2014 | 59,1 | 67,5 | 52,1 | (2) | 60,7 | 83,2 | 78,8 | 60,7 | 18,7 | 69,5 | 52,5 | 59,2 | 57,9 | 24,2 | 38,4 | 56,6 | 73,9 | 81,5 | |
| 3º tri. 2014 | 58,1 | 66,0 | 51,6 | (2) | 58,0 | 82,5 | 77,4 | 62,5 | 16,8 | 68,4 | 51,3 | 57,9 | 59,7 | 20,7 | 37,4 | 56,2 | 73,4 | 80,1 | |
| 4º tri. 2014 | 58,2 | 66,8 | 51,0 | (2) | 59,5 | 82,1 | 77,3 | 60,8 | 17,7 | 68,1 | 51,7 | 58,4 | 56,2 | 22,7 | 37,5 | 59,1 | 72,7 | 79,7 | |
| 1º tri. 2015 | 57,2 | 65,5 | 50,1 | (2) | 57,9 | 81,1 | 78,0 | 61,3 | 15,6 | 68,0 | 50,0 | 57,1 | 57,6 | (2) | 35,4 | 55,6 | 71,7 | 80,3 | |
| 2º tri. 2015 | 56,4 | 65,0 | 49,2 | (2) | 59,0 | 79,9 | 74,1 | 60,7 | 14,4 | 65,2 | 50,3 | 56,3 | 57,4 | (2) | 34,2 | 53,1 | 71,0 | 78,1 | |
| 3º tri. 2015 | 56,1 | 65,3 | 48,5 | (2) | 56,1 | 79,2 | 76,3 | 62,5 | 14,7 | 66,5 | 49,1 | 55,8 | 59,7 | (2) | 34,0 | 55,1 | 70,9 | 79,3 | |
| 4º tri. 2015 | 57,9 | 66,4 | 50,9 | (2) | 57,9 | 81,9 | 78,0 | 61,9 | 16,1 | 67,9 | 51,0 | 58,0 | 56,5 | (2) | 34,9 | 56,7 | 71,4 | 80,5 | |
| Varição(%) | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 4º tri. 2015/3º tri. 2015 | 3,2 | 1,7 | 4,9 | - | 3,2 | 3,4 | 2,2 | -1,0 | 9,5 | 2,1 | 3,9 | 3,9 | -5,4 | - | 2,6 | 2,9 | 0,7 | 1,5 | |
| Varição (%) | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 4º tri. 2015/4º tri. 2014 | -0,5 | -0,6 | -0,2 | - | -2,7 | -0,2 | 0,9 | 1,8 | -9,0 | -0,3 | -1,4 | -0,7 | 0,5 | - | -6,9 | -4,1 | -1,8 | 1,0 | |

Fonte: PED-RMS - Convênio SEI, Setre, Dieese, Seade, MTE/FAT.
(1) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

Tabela 3A

Estimativas e Índices do Nível de Ocupação, por Setor de Atividade – Região Metropolitana de Salvador – 2011-2015

| Trimestres | Estimativas e índices do nível de ocupação, por setor de atividade | | | | | | | | | |
|---------------------------|--|-------------|--------------------------------|-------------|-----------------------|-------------|--|-------------|-----------------------|-------------|
| | Total (1) | | Indústria de transformação (2) | | Construção (3) | | Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas (4) | | Serviços (5) | |
| | Números absolutos (6) | Índices (7) | Números absolutos (6) | Índices (7) | Números absolutos (6) | Índices (7) | Números absolutos (6) | Índices (7) | Números absolutos (6) | Índices (7) |
| 1º tri. 2011 | 1.422 | 98,6 | 128 | 98,5 | 129 | 97,0 | 262 | 95,3 | 865 | 100,1 |
| 2º tri. 2011 | 1.422 | 98,6 | 132 | 101,5 | 127 | 95,5 | 262 | 95,3 | 855 | 99,0 |
| 3º tri. 2011 | 1.454 | 100,8 | 124 | 95,4 | 134 | 100,8 | 286 | 104,0 | 874 | 101,2 |
| 4º tri. 2011 | 1.479 | 102,6 | 136 | 104,6 | 141 | 106,0 | 293 | 106,5 | 871 | 100,8 |
| 1º tri. 2012 | 1.479 | 102,6 | 123 | 94,6 | 146 | 109,8 | 282 | 102,5 | 884 | 102,3 |
| 2º tri. 2012 | 1.498 | 103,9 | 135 | 103,8 | 147 | 110,5 | 288 | 104,7 | 888 | 102,8 |
| 3º tri. 2012 | 1.526 | 105,8 | 131 | 100,8 | 134 | 100,8 | 291 | 105,8 | 926 | 107,2 |
| 4º tri. 2012 | 1.555 | 107,8 | 137 | 105,4 | 149 | 112,0 | 295 | 107,3 | 935 | 108,2 |
| 1º tri. 2013 | 1.504 | 104,3 | 123 | 94,6 | 138 | 103,8 | 308 | 112,0 | 890 | 103,0 |
| 2º tri. 2013 | 1.474 | 102,2 | 131 | 100,8 | 139 | 104,5 | 273 | 99,3 | 889 | 102,9 |
| 3º tri. 2013 | 1.556 | 107,9 | 129 | 99,2 | 146 | 109,8 | 303 | 110,2 | 935 | 108,2 |
| 4º tri. 2013 | 1.549 | 107,4 | 136 | 104,6 | 156 | 117,3 | 301 | 109,5 | 917 | 106,1 |
| 1º tri. 2014 | 1.549 | 107,4 | 124 | 95,4 | 158 | 118,8 | 308 | 112,0 | 925 | 107,1 |
| 2º tri. 2014 | 1.539 | 106,7 | 134 | 103,1 | 155 | 116,5 | 299 | 108,7 | 914 | 105,8 |
| 3º tri. 2014 | 1.532 | 106,2 | 121 | 93,1 | 150 | 112,8 | 280 | 101,8 | 945 | 109,4 |
| 4º tri. 2014 | 1.564 | 108,5 | 124 | 95,4 | 152 | 114,3 | 311 | 113,1 | 945 | 109,4 |
| 1º tri. 2015 | 1.526 | 105,8 | 137 | 105,4 | 130 | 97,7 | 285 | 103,6 | 948 | 109,7 |
| 2º tri. 2015 | 1.499 | 104,0 | 129 | 99,2 | 121 | 91,0 | 297 | 108,0 | 922 | 106,7 |
| 3º tri. 2015 | 1.472 | 102,1 | 113 | 86,9 | 125 | 94,0 | 290 | 105,5 | 919 | 106,4 |
| 4º tri. 2015 | 1.516 | 105,1 | 112 | 86,2 | 126 | 94,7 | 279 | 101,5 | 972 | 112,5 |
| Variação (%) | | | | | | | | | | |
| 4º tri. 2015/4º tri. 2014 | | 3,0 | | -0,9 | | 0,8 | | -3,8 | | 5,8 |
| 3º tri. 2015 | | | | | | | | | | |
| Variação (%) | | | | | | | | | | |
| 4º tri. 2015/4º tri. 2014 | | -3,1 | | -9,7 | | -17,1 | | -10,3 | | 2,9 |

Fonte: PEDRMS – Convênio SEI, Setre, Dieese, Seade, MTE/FAT

(1) Dados não disponíveis. A captação da CNAE 2.0 domiciliar na PED iniciou-se em novembro de 2010.

(2) Inclui agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura (Seção A); indústrias extrativas (Seção B); eletricidade e gás (Seção D); água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação (Seção E); organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais (Seção U); atividades mal definidas (Seção V). As seções mencionadas referem-se à CNAE 2.0 domiciliar.

(3) Seção C da CNAE 2.0 domiciliar.

(4) Seção F da CNAE 2.0 domiciliar.

(5) Seção G da CNAE 2.0 domiciliar.

(6) Seções H a T da CNAE 2.0 domiciliar.

(7) Em 1.000 pessoas.

(8) Base: média de 2011 = 100.

Nota: A captação da CNAE 2.0 domiciliar na PED iniciou-se em novembro de 2010. Vide nota técnica nº 01/2012.

| Trimestres | Assalariados (2) | | | | | | | | | | Autônomos | | Empregados domésticos | | | |
|---------------------------|-----------------------|-------------|-----------------------|-------------|-----------------------|-------------|-----------------------|-------------|-----------------------|-------------|-----------------------|-------------|-----------------------|-------------|-----|-------|
| | Total (1) | | Total | | Com carteira assinada | | Sem carteira assinada | | Setor público (3) | | Números absolutos (4) | Índices (5) | Números absolutos (4) | Índices (5) | | |
| | Números absolutos (4) | Índices (5) | | | | | | |
| | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 1º tri. 2010 | 1.379 | 125,5 | 923 | 140,5 | 740 | 148,9 | 610 | 167,6 | 130 | 97,7 | 183 | 114,4 | 284 | 115,0 | 101 | 87,8 |
| 2º tri. 2010 | 1.436 | 130,7 | 965 | 146,9 | 764 | 153,7 | 648 | 178,0 | 116 | 87,2 | 201 | 125,6 | 279 | 113,0 | 108 | 93,9 |
| 3º tri. 2010 | 1.448 | 131,8 | 972 | 147,9 | 760 | 152,9 | 630 | 173,1 | 130 | 97,7 | 210 | 131,3 | 294 | 119,0 | 109 | 94,8 |
| 4º tri. 2010 | 1.504 | 136,9 | 1.009 | 153,6 | 800 | 161,0 | 669 | 183,8 | 131 | 98,5 | 208 | 130,0 | 314 | 127,1 | 104 | 90,4 |
| 1º tri. 2011 | 1.422 | 129,4 | 947 | 144,1 | 762 | 153,3 | 644 | 176,9 | 118 | 88,7 | 183 | 114,4 | 299 | 121,1 | 112 | 97,4 |
| 2º tri. 2011 | 1.422 | 129,4 | 974 | 148,2 | 799 | 160,8 | 685 | 188,2 | 114 | 85,7 | 173 | 108,1 | 282 | 114,2 | 112 | 97,4 |
| 3º tri. 2011 | 1.454 | 132,3 | 960 | 146,1 | 795 | 160,0 | 680 | 186,8 | 115 | 86,5 | 164 | 102,5 | 314 | 127,1 | 124 | 107,8 |
| 4º tri. 2011 | 1.479 | 134,6 | 979 | 149,0 | 828 | 166,6 | 707 | 194,2 | 121 | 91,0 | 151 | 94,4 | 308 | 124,7 | 127 | 110,4 |
| 1º tri. 2012 | 1.479 | 134,6 | 991 | 150,8 | 834 | 167,8 | 711 | 195,3 | 123 | 92,5 | 154 | 96,3 | 305 | 123,5 | 129 | 112,2 |
| 2º tri. 2012 | 1.498 | 136,3 | 1.014 | 154,3 | 870 | 175,1 | 750 | 206,0 | 120 | 90,2 | 142 | 88,8 | 304 | 123,1 | 127 | 110,4 |
| 3º tri. 2012 | 1.526 | 138,9 | 1.016 | 154,6 | 862 | 173,4 | 732 | 201,1 | 130 | 97,7 | 154 | 96,3 | 325 | 131,6 | 125 | 108,7 |
| 4º tri. 2012 | 1.555 | 141,5 | 1.064 | 161,9 | 900 | 181,1 | 774 | 212,6 | 126 | 94,7 | 165 | 103,1 | 306 | 123,9 | 123 | 107,0 |
| 1º tri. 2013 | 1.504 | 136,9 | 1.023 | 155,7 | 880 | 177,1 | 761 | 209,1 | 119 | 89,5 | 141 | 88,1 | 298 | 120,6 | 123 | 107,0 |
| 2º tri. 2013 | 1.474 | 134,1 | 996 | 151,6 | 859 | 172,8 | 746 | 204,9 | 113 | 85,0 | 137 | 85,6 | 307 | 124,3 | 124 | 107,8 |
| 3º tri. 2013 | 1.556 | 141,6 | 1.046 | 159,2 | 896 | 180,3 | 767 | 210,7 | 129 | 97,0 | 148 | 92,5 | 322 | 130,4 | 123 | 107,0 |
| 4º tri. 2013 | 1.549 | 140,9 | 1.061 | 161,5 | 907 | 182,5 | 795 | 218,4 | 112 | 84,2 | 155 | 96,9 | 296 | 119,8 | 124 | 107,8 |
| 1º tri. 2014 | 1.549 | 140,9 | 1.063 | 161,8 | 923 | 185,7 | 793 | 217,9 | 130 | 97,7 | 141 | 88,1 | 290 | 117,4 | 129 | 112,2 |
| 2º tri. 2014 | 1.539 | 140,0 | 1.065 | 162,1 | 917 | 184,5 | 805 | 221,2 | 112 | 84,2 | 148 | 92,5 | 282 | 114,2 | 119 | 103,5 |
| 3º tri. 2014 | 1.532 | 139,4 | 1.040 | 158,3 | 887 | 178,5 | 778 | 213,7 | 109 | 82,0 | 152 | 95,0 | 296 | 119,8 | 132 | 114,8 |
| 4º tri. 2014 | 1.564 | 142,3 | 1.074 | 163,5 | 929 | 186,9 | 816 | 224,2 | 113 | 85,0 | 145 | 90,6 | 296 | 119,8 | 127 | 110,4 |
| 1º tri. 2015 | 1.526 | 138,9 | 1.067 | 162,4 | 914 | 183,9 | 812 | 223,1 | 102 | 76,7 | 153 | 95,6 | 278 | 112,6 | 114 | 99,1 |
| 2º tri. 2015 | 1.499 | 136,4 | 1.027 | 156,3 | 878 | 176,7 | 787 | 216,2 | 91 | 68,4 | 148 | 92,5 | 268 | 108,5 | 118 | 102,6 |
| 3º tri. 2015 | 1.472 | 133,9 | 998 | 151,9 | 864 | 173,8 | 755 | 207,4 | 109 | 82,0 | 132 | 82,5 | 287 | 116,2 | 116 | 100,9 |
| 4º tri. 2015 | 1.516 | 137,9 | 1.052 | 160,1 | 892 | 179,5 | 781 | 214,6 | 111 | 83,5 | 161 | 100,6 | 273 | 110,5 | 121 | 105,2 |
| Variação (%) | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 4º tri. 2015/4º tri. 2014 | 3,0 | 5,4 | 3,2 | 3,2 | 3,4 | 1,8 | 22,0 | -4,9 | 4,3 | | | | | | | |
| 3º tri. 2015/4º tri. 2014 | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Variação (%) | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 4º tri. 2015/4º tri. 2014 | -3,1 | -2,0 | -4,0 | -4,3 | -1,8 | 11,0 | -7,8 | | | | | | | | | |

Fonte: PEDRMS – Convênio SEI, Serre, Dieese, Seade, MTE/FAT.

(1) Incluem empregadores, donos de negócio familiar, trabalhadores familiares sem remuneração, profissionais liberais e outras posições ocupacionais.

(2) Excluem os empregados domésticos e incluem aqueles que não sabem a que setor pertence a empresa em que trabalham.

(3) Incluem os estatutários e celetistas que trabalham em instituições públicas (governos municipal, estadual, federal, empresa de economia mista, autarquia, fundação, etc.).

(4) Em 1000 pessoas.

(5) Base: média de 2000 = 100.

Tabela 5A**Índices Trimestrais do Emprego, do Rendimento Médio Real e da Massa de Rendimentos Reais dos Ocupados e dos Assalariados (1) – Região Metropolitana de Salvador – 2010-2015**

Base: média de 2000 = 100

| Trimestres | Ocupados (2) | | | Assalariados (3) | | |
|---|--------------|-----------------------|----------------------------|------------------|--------------------|---------------------|
| | Emprego | Rendimento médio real | Massa de rendimentos reais | Emprego | Salário médio real | Massa salarial real |
| 1º tri. 2010 | 125,5 | 109,8 | 137,7 | 140,5 | 108,2 | 152,0 |
| 2º tri. 2010 | 130,7 | 111,0 | 145,0 | 146,9 | 108,2 | 158,9 |
| 3º tri. 2010 | 131,8 | 111,6 | 147,0 | 147,9 | 109,1 | 161,4 |
| 4º tri. 2010 | 136,9 | 110,7 | 151,5 | 153,6 | 108,8 | 167,1 |
| 1º tri. 2011 | 129,4 | 102,4 | 132,5 | 144,1 | 101,1 | 145,8 |
| 2º tri. 2011 | 129,4 | 104,1 | 134,7 | 148,2 | 103,6 | 153,7 |
| 3º tri. 2011 | 132,3 | 95,3 | 126,1 | 146,1 | 94,4 | 138,0 |
| 4º tri. 2011 | 134,6 | 96,7 | 130,2 | 149,0 | 96,8 | 144,3 |
| 1º tri. 2012 | 134,6 | 97,7 | 131,5 | 150,8 | 97,4 | 146,9 |
| 2º tri. 2012 | 136,3 | 96,2 | 131,1 | 154,3 | 95,0 | 146,6 |
| 3º tri. 2012 | 138,9 | 97,4 | 135,3 | 154,6 | 96,3 | 148,9 |
| 4º tri. 2012 | 141,5 | 98,9 | 140,0 | 161,9 | 97,7 | 158,2 |
| 1º tri. 2013 | 136,9 | 96,9 | 132,6 | 155,7 | 95,8 | 149,2 |
| 2º tri. 2013 | 134,1 | 100,7 | 135,1 | 151,6 | 100,2 | 152,0 |
| 3º tri. 2013 | 141,6 | 100,0 | 141,6 | 159,2 | 98,7 | 157,2 |
| 4º tri. 2013 | 140,9 | 105,1 | 148,1 | 161,5 | 101,4 | 163,8 |
| 1º tri. 2014 | 140,9 | 101,7 | 143,4 | 161,8 | 99,0 | 160,1 |
| 2º tri. 2014 | 140,0 | 102,7 | 143,7 | 162,1 | 100,8 | 163,4 |
| 3º tri. 2014 | 139,4 | 102,6 | 143,0 | 158,3 | 100,0 | 158,3 |
| 4º tri. 2014 | 142,3 | 104,9 | 149,2 | 163,5 | 101,8 | 166,4 |
| 1º tri. 2015 | 138,9 | 102,5 | 142,3 | 162,4 | 98,0 | 159,2 |
| 2º tri. 2015 | 136,4 | 99,2 | 135,2 | 156,3 | 95,4 | 149,1 |
| 3º tri. 2015 | 133,9 | 95,6 | 128,0 | 151,9 | 93,7 | 142,3 |
| Out | 135,3 | 94,7 | 128,1 | 153,3 | 91,8 | 140,7 |
| Nov | 137,1 | 97,0 | 133,0 | 157,5 | 93,9 | 147,8 |
| Variação Mensal (%) Out-2015 / 3º trimestre | | | | | | |
| | 1,0 | -1,0 | 0,0 | 0,9 | -2,0 | -1,1 |
| Variação Mensal (%) Nov-2015 / 3º trimestre | | | | | | |
| | 2,4 | 1,5 | 3,9 | 3,7 | 0,2 | 3,9 |
| Variação Mensal (%) Nov-2015 / Out-2015 | | | | | | |
| | 1,3 | 2,5 | 3,9 | 2,8 | 2,2 | 5,1 |
| Variação no Ano (%) Nov-2015 / Dez-2014 | | | | | | |
| | -3,6 | -7,5 | -10,8 | -3,6 | -7,8 | -11,2 |
| Variação Anual (%) Nov-2015 / Nov-2014 | | | | | | |
| | -3,5 | -6,7 | -10,0 | -4,1 | -7,7 | -11,5 |

Fonte: PEDRMS – Convênio SEI, Setre, Dieese, Seade, MTE/FAT.

(1) Inflator utilizado: IPC - SEI.

(2) Incluem os ocupados que não tiveram remuneração no mês e excluem os trabalhadores familiares sem remuneração salarial e os trabalhadores que ganharam exclusivamente em espécie ou benefício.

(3) Incluem os assalariados que não tiveram remuneração no mês.

NOTAS METODOLÓGICAS

Pesquisa de confiança do empresariado baiano

A fim de monitorar o nível de confiança do setor produtivo do estado mensalmente, a Pesquisa de Confiança do Empresário Baiano efetua a produção contínua e sistemática de indicadores. O principal deles é o ICEB, Indicador de Confiança do Empresariado Baiano.

Realizada diretamente com federações, associações e sindicatos patronais representativos dos segmentos empresariais do Estado, a técnica de coleta utiliza um questionário com doze perguntas de cunho qualitativo e que versam sobre temas relacionados ao contexto macroeconômico (Inflação, Juros, PIB Nacional e PIB Estadual) e ao desempenho das empresas (Vendas, Crédito, Câmbio, Capacidade Produtiva, Situação Financeira, Emprego, Exportação e Abertura de Unidades).

Fruto de uma amostragem não-probabilística intencional, a Pesquisa conta, atualmente, com mais de cem entidades representativas dos setores produtivos do estado. A cobertura setorial da Pesquisa abrange quatro setores: Agropecuária; Indústria; Serviços; e Comércio.

Para chegar ao indicador geral é necessário, primeiramente, mensurar as respostas qualitativas do questionário. Atribui-se valor 1.000 para a resposta mais otimista; 500 para a resposta confiante; zero para a intermediária; -500 para aquela não confiante; e -1.000 para a mais pessimista. Desta maneira, é possível calcular indicadores por questão, tema e setor, sendo o ICEB fruto de uma média dos indicadores de confiança setoriais ponderados pelo valor adicionado de cada atividade no PIB.

O valor do ICEB e dos demais indicadores podem variar de -1.000 a 1.000. Dentro desse intervalo, quanto mais próximo de -1.000, maior o pessimismo associado. Em sentido contrário, mais perto de 1.000, maior o otimismo. O zero pode ser interpretado como ponto de indiferença.

Para efeitos ilustrativos, a Pesquisa trabalha com uma escala de grau de otimismo dividida em intervalos, a qual possibilita classificar o resultado conforme seu enquadramento: *Grande Pessimismo*, de -1.000 a -500; *Pessimismo*, de -500 a -250; *Pessimismo Moderado*, de -250 a zero; *Otimismo Moderado*, de zero a 250; *Otimismo*, de 250 a 500; e *Grande Otimismo*, de 500 a 1.000. Os valores de fronteira pertencem à zona imediatamente anterior, com o zero como ponto de orientação.

Escala do ICEB



Projeções do mercado de trabalho formal

As projeções do mercado de trabalho formal utilizam-se da metodologia de séries temporais. Uma série temporal é um conjunto de observações ordenadas em um período de tempo ou espaço. Essas observações apresentam dependência, passível de investigação e modelagem a partir da análise de séries temporais. O estudo de série temporal requer técnicas específicas, as quais levam em consideração a presença de tendência e variação sazonal.

Análise de séries temporais aplicadas a dados de mercado de trabalho é de grande interesse, pois é possível observar o que está acontecendo na economia e quais as perspectivas para o cenário econômico futuro. Para esse estudo são utilizados dados mensais do número de admitidos e desligados por setor de atividade econômica. A base de dados utilizada é o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Para fazer as previsões mensais do Caged são utilizados o algoritmo de alisamento exponencial de Holt-Winters e a metodologia de Box-Jenkins com os modelos sazonais auto regressivos integrados de médias móveis (SARIMA) e sua extensão (SARIMAX). Com o modelo SARIMAX utilizado foi possível incluir variáveis explicativas.



SECRETARIA DO
PLANEJAMENTO

